

Pedagogia de vasos e afetos: uma construção coletiva

Roberto José Moreira¹

Introdução

A disciplina Natureza Sociedade (IH 1527) tem seu campo temático forjado na reforma do Programa CPDA de 2004 como disciplina fundamental do Mestrado. Em sua tematização convergiram temas, bibliografia e problematizações de disciplinas por mim ministradas desde o início dos anos 1990, a saber: *Pensamento Científico e Sociedade*; *Economia Política da Sustentabilidade*; *Pensamento Científico e Consciência Ecológica*, todas da Área de Concentração em Sociedade e Agricultura, apesar de acessível a alunos de outras Áreas do programa. Após a criação do doutorado, em 1995, a disciplina passa a atender alunos do doutorado. No passado sua pedagogia sempre esteve sustentada em aulas teóricas, que se desdobrava em leituras prévia de textos indicados, exposições do professor, dialogias diversas professor-alunos, seminários de alunos e redações de textos, ensaios ou artigos nos processos de avaliação.

A reforma acadêmica de 2004 (Moreira, 2007) configurou distinções entre atividades de Mestrado e de Doutorado, sem impedir matriculas de doutorandos nas fundamentais do mestrando, ou vice verso mesmo, mesmo nas disciplinas obrigatórias de ambos os níveis. No que nos interessa aqui, a novidade foi que aquela reforma distinguiu atividades teóricas (2 créditos, duas horas) e práticas (1 crédito, duas horas).

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Paralelamente às atividades práticas do Laboratório, relatadas com detalhes na *Introdução* e no texto de Gerardt, que inicia a Parte I deste livro, tínhamos, por assim dizer uma *prática-teórica*, que era a redação dos ensaios, o que possibilitava um dialogia individual do aluno-professor ao mesmo tempo que configurava uma peça chave da avaliação das atividades. A primeira fase desta dialogia consistiu-se na redação de uma *Proposta do Trabalho* por parte dos alunos, que enviadas em forma digitalizada por *email*, possibilitava uma dialogia eletrônica e presencial com o docente em cima de seus comentários sobre a *Proposta*², bem como com os outros alunos, quando o professor socializava sua reflexão sobre as Propostas avaliadas.

¹ Pesquisador PQ2 do CNPq, 2013-2016. Professor Permanente do Programa CPDA/ICHS/UFRRJ

² Registros de questões, sugestões e comentários sobre coerência, viabilidade e possibilidades da *Proposta* ser desenvolvida no âmbito da disciplina.

A orientação para os trabalhos finais:

1. Propor um artigo sobre as experiências dos Vasos ou outro tema, desde que associado à temática da disciplina. Proposta: **Título e proposta em cerca de 10 linhas**. Os desdobramentos: a apresentação de duas versões. 2. A primeira um será desdobramento da proposta após comentários do professor e tendo como exercício o diálogo com a bibliografia do 1º, 2º e 3º tópicos do programa da disciplina. (Máximo: 8pp, Times roman; tipo 11; espaço 1,5). 3. Após avaliação e emissão de conceito, o texto retornará com comentários e sugestões do professor. A segunda versão, já na expectativa de um artigo pronto, será a sequência com base na parte final do programa. (Máximo: 16pp, Times roman; tipo 11; espaço 1,5) (Fonte: Arquivos do Professor)

Após essa dialogia sobre as propostas de trabalho, a fase dois da *prática-teórica* iniciava-se com a redação da primeira versão do trabalho final, que deveria, no desenvolvimento da *Proposta* – que naquele momento era de juízo pleno do aluno –, o aluno deveria demonstrar a apropriação do debate teórico da bibliografia trabalhadas nas aulas teóricas até aquele momento em cerca de 5 a 10 páginas, gerando o texto da *1ª avaliação*, que gerando uma nota. O escrito era enviado em forma eletrônica³, avaliado, conceituado. Apontava-se erros, incoerências, virtudes e sugestões, que eram retornadas ao aluno, seguindo de momentos de dialogia coletiva sobre esta fase⁴. Na terceira fase da prática-teórica, já como avaliação final, tínhamos a mesma dinâmica da fase anterior, com o objetivo de incorporar toda a bibliografia discutida que tivesse a ver com a temática do trabalho de cada uma e, ao mesmo tempo, gerar um artigo publicável, em periódicos ou na série *Textos* do Programa. Ressalte-se que nem todos os alunos enviavam a Proposta inicial, ou mesmo acolhiam as recomendações/sugestões do Professor, bem como, redigiam o ensaio final como sequência/completude do texto da 1ª avaliação. Penso que essa liberdade é fundamental. Essas atividades *pratico-teóricas*, apesar de prática, não se constituía naquilo de denominamos de práticas experimentais do Laboratório de Afetos, mas nem por isto não eram importante ao próprio sucesso do Laboratório. A qualidade dos Ensaio da Parte I, deste livro, tem a ver com esta prática-teórica. Enfim, a suposta separação de aulas teóricas e aulas práticas como pensamos a disciplina como um todo, é balela. O cotidiano semanal, não havia tal separação. Só o método é que ajudava discernir tais atividades, dando atenção às suas especificidades.

Como já afirmei naquele segundo semestre tive a intuição de propor dentre as dinâmicas possíveis para as atividades prática de Natureza e Sociedade, a pedagogia dos vasos (objetos), apostando que a experimentação seria realizável. A proposta foi acolhida

³Em .doc, para permitir comentários do professor no próprio texto e destaques diversos em cores diversas.

⁴Aquele aluno que quisesse incorporar algo e/ou reescrever o trabalho poderia fazê-lo, a nova nota somada à anterior gerava uma média desta primeira avaliação.

pelos alunos: 4 de doutorado e 6 de mestrado; 3 mulheres, 5 homens. Criou-se assim um compromisso coletivo já no início das atividades.

Sobre a identidade da Turma de IH 1527, 2004.

Neste artigo, redigido 11 anos após aquela experiência, utilizamos os registros daquelas atividades, como dados a serem analisado. No caso deste artigo os registros referem-se à análise da 7ª experiência: a “etnografia”. Algo semelhante, mas, diferente da análise sobre a formação interdisciplinar, vivência e subjetividade de outros jovens pesquisadores do Programa, ainda na FGV. (Moreira, 2002; 2003; 2005).

O debate pós-moderno de identidades culturais e de identidades múltiplas que se revelando em redes de interações significantes seria uma problematização atualizada e crítica da identidade autônoma do sujeito do Iluminismo e do liberalismo clássico e de sujeitos coletivos, os mais diversos. (Domingues,1999; Castells, 1999; Hall, 2000; Featherstone, 1996; Guiddens, 2003 ; Castells, 1999), bem como as relações entre sociedade civil e políticas de identidades (Wood, 2003). Aqui estamos no campo da micropolítica identitária. Em especial para as identidades contemporâneas: *A subversão do ser. Identidade, mundo tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação* de Maldonato (2001), lido e discutido em aulas teóricas.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

A noção *afetos interativos* expressa a junção de duas dimensões d’A Sociologia de Norbert Elias , de Heinich (2001), a sociologia dos afetos (39-74) e do espaço de interações (101-140) e algo mais, não? Basta-nos perguntar sobre o quê em nós – corporemente-espírito/alma – se expressa como biofenômeno da percepção – em nós e todo ente orgânico vivo, diga-se de passagem – e nos coloca, de um lado, em interação com nossa ambiência e de outro, fundamental, de só sermos em interação com a complexidade e multiplicidade de nossas ambiências? Relei-a este perguntar. Como você perguntaria?

Vivências, afetos, ambiências, existência, =>, =>, =>: Ser?

Se seu perguntar assim o levou, você está em boa companhia: Nietzsche - Gaia, nihilismo, humano demasiadamente humano -. Kierkegaard – o existencialismo da realidade humana concreta, a importância da escolha e compromisso pessoal, o fetichismo na religião, as emoções e sentimentos nas escolhas do viver -, Heidegger - o existencialismo do ser-no-mundo, Husserl – fenomenologia, consciência e

intencionalidade em oposição ao positivismo científico, Merleau Ponty – da corporalidade da existência e da fenomenologia da percepção com o reconhecimento do Mistério, visível-invisível, dizível-indizível -, Castoriadis – da instituição imaginária do social, da imaginação radical, da autonomia social e psíquica, e do *sujeito efetivo*.

Mas será que corpo-mente-espírito/alma se expressando como biofenômeno da percepção dá conta de tudo que uma vida singular seria?

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Do psiquismo à alma/espírito: Uma aproximação deleuze-guattariana

Minha imersão nos registros da Turma dos Vasos, de 2004, da disciplina IH 1527 Natureza e Sociedade, naquilo que se consistiu como a prática de análise de conjuntos⁵ (Análise dos Vasos III. Análise de Conjuntos), fez-me vislumbrar nesses registros sinais da passagem de uma alma coletiva.⁶ Em torno desta temática tecerei considerações deleuze-guattarianas que, penso eu, possibilitarão nos registros das aulas práticas eventos sutis do vir a ser das almas que estiveram em cena naquele momento. Minha hipótese é que as análises de 2004 registram estes fenômenos, que penso agora elucidar elaborando sobre as categorias hecceidade, maquinismo desejanter e agenciamento maquínico.

Bernardete Marantes (2012) ressalta que “a questão fundamental do conceito de hecceidade encerra-se em sua própria definição: uma ‘individuação sem sujeito’. Um novo espaço-território “que não privilegia nem o começo e nem o fim, mas o meio, que a hecceidade, feita de linhas e não de pontos, se apresentará como rizoma”. A hecceidade deleuze-guattariana não estaria, para Marantes, “sujeita à subjetivação de um eu (*moi*), procurará nos acontecimentos e nas singularidades, nas dobras, nas dimensões de multiplicidades, o sujeito, o qual, segundo os filósofos, não é feito de profundezas, mas de intensidades, de forças que estão na superfície”, e continua citando Deleuze, que em sua *Lógica do sentido*, de 1969, afirmava: ‘*é seguindo a fronteira, margeando a superfície, que passamos dos corpos ao incorporeal*’ (Marantes, 2012, p. 9); da subjetividade e da intersubjetividade dos eu’s à desubjetivação da individuação sem sujeito e da socialização sem sujeito, arrisco com um pensamento solto.

⁵ A coletânea dos escritos dos alunos relativos das experiências 1, 2, 3, 4, 5 e 6 vividas nas aulas práticas.

⁶ Lendo refletindo e apropriando-me de (GAMBINI, R., 1988; 2004; VIVEIROS DE CASTRO, 2002; JUNG, C. G. 1993; SILVEIRA, 2007; BASTIDE, 2006; MORAES, 2014), dentre outros.

Penso que todos os alunos, inclusive o professor, ao sentir – e escrever sobre - os afetos de suas interações como os vasos e nós outros estivemos vivenciando estas relações passando do corpo ao incorporal, dizível ao invisível (Castoriadis, 1978), o que explicaria os recursos à poesia, metáforas e analogias, bem como os questionamentos sem respostas das escritas.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Poderíamos hoje pensar também em *hecceidade-evento único-alma*, sempre em um eterno vir a ser que não se repete, em eventos sempre abertos e sem sujeitos, aonde o devir se daria nas múltiplas interações de pertencimento afetivo.

O fechamento e a totalização é outro fenômeno; o da sujeição social e o do domínio da linguagem, do conhecimento – ou seja, o campo da significação, em contraponto ao campo da servidão maquínica, a dimensão assignificante (Lazarrato, 2014, 27-51). Ou seja, aquilo que denominamos de identidades de sujeitos sociais efetivos individuais e coletivos (Domingues, 1996; 1999), os atores sociais, em um recorte usual das ciências sociais, seriam atuantes no campo da significação; o campo propriamente humano da vida os vivendo as ilusões do eu, na medida em que estaríamos todos sendo levados no interior das contingências dos eventos maquínicos desejanter – aqui incluímos os dos fluxos eletromagnéticos, fisicoquímico e bioorgânico (do chi e da kundaline) - como hecciedades, individuações sem sujeitos.

Continuam os autores a argumentar que a coexistência de multiplicidades formam um agenciamento produtor de enunciado. Nesta compreensão deleuzze-guattariana não existe enunciados individuais mas agenciamentos maquínicos produtores de enunciados. Dizemos que o agenciamento é fundamentalmente libidinal e inconsciente. É ele o inconsciente em pessoa. (Deleuze e Guattari, 1995, 51).

Guattari (2010) elaborando sobre sua noção de *pulsão*⁷, diferenciando-se de Freud e Lacan, responde:

Para mim, o que interessa é ligar a pulsão à existência. Mas não à existência massiva, da ontologicamente, de uma vez por todas, na relação entre o Ser e o Nada (*Neant*), mas ver como é que há construção de existência, lógica da existência, maquínica da existência, heterogêneses dos componente existenciais: para mim, é isto a pulsão. Se quisermos compreender a existência, creio que não há interesse em partirmos de metáforas energéticas – como a do libido freudiana-, ou metáforas dinâmicas – como a do recalque-, ou toda essa representação de

⁷ Nos idos de 2004, Ana Camphora, aluna de doutorado, abordou-me em intervalo de aula querendo entender qual era o sentido de eu dava a pulsão, palavra que lançava mão corriqueiramente, falei então que falava pensando em pulsão da vida e de seus processos.

objetos discursivos, já tomados em relações de espaço e tempo; mas devemos procurar a pulsão antes dessas relações de discursividade no espaço, no tempo, nas relações energéticas (Guattari, 210, p. 8)

Destaco. “devemos procurar a pulsão antes dessas relações de discursividade no espaço, no tempo, nas relações energéticas”, completando do espectro eletromagnético.

Já falamos da sensibilidade química da água que, em interações diversas de calor e frio, podem se manifestar como gelo, vapor e líquido.

Isto seria também verdadeiro para os cristais, em suas origens, antes de se diferenciaram na dinâmica do planeta em minas de ouro, de diamantes, de ferro, de alumínio, campos de cristais, areias e vales de silício, seja na formação do Planeta de anos ou nas próprias convulsões internas posteriores.

Não poderíamos, na mesma linha de raciocínio, reconhecer sensibilidades geológicas, para além das orgânicas, como na hipótese da Terra Gaia, de Lovelock. A Terra Planeta, que no longo tempo cósmico se configurou, há cerca de 4,5 bilhões de anos atrás (Harari, 2015) chegando a ser o como hoje é geologicamente o Norte e o Sul, o Canadá e a Argentina, a Rússia e a África, O Pantanal mato-grossense, a Amazônia, o Agreste, os Pampas, bem com o litoral da Mata Atlântica das conquistas e dos processos iniciais de colonização ibérico-americana, por exemplo, não triam as dimensões sensitivas de que estamos aqui falando?

Forças elétricas e eletromagnéticas são ou não, neste sentido, sensíveis?

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Há arte de produzir energeticamente as vibrações de um lugar. As cores, por exemplo é uma das essenciais. A energia do lugar, no nos aso da sal de aula teórica que como num passe de mágica vira um Laboratório de Afetos. Como você se comporta numa Igreja? E um velório? Uma festa? O que a bateria das escolas de samba provoca em você? A música é a manipulação artística de instrumento e vozes que podem produzir êxtases, não?

Na Figura 4. À luz da física o Universo é quântico, seja na Teoria Geral da Relatividades eiseniana, na Teoria do Big Bang. Brian Grenne (2001; 2005) apresenta em duas interessantíssimas obras sobre a Teoria das Supercordas, uma teoria alternativa à já clássica Teoria do Big Bang, em suas postulações, descobertas e dilemas as palavras chaves destacadas nos subtítulos: *super cordas*, *dimensões ocultas* e *a busca de uma*

Galeria 3. Imagens do espectro eletromagnético

Figura 1.

<http://www.infoescola.com/fisica/espectro-eletromagnetico/>

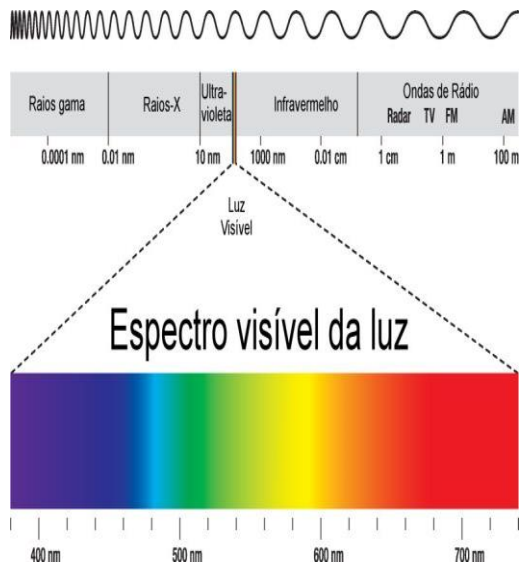


Figura 3: Curva espectral da vegetação, da água e do solo. Fonte: FLORENZANO (2002)

<http://www.ufrgs.br/engcart/PDASR/rem.html>

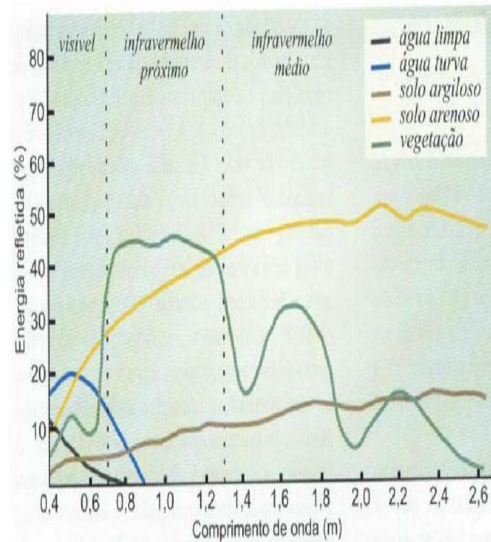


Figura 2.

<http://www2.ufpa.br/ensinofts/radiologia.html>

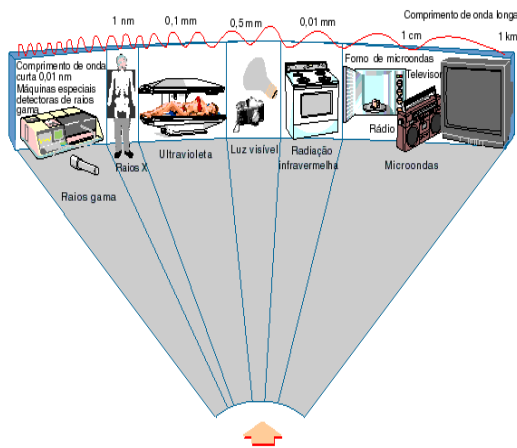


Figura 4.

<http://www.mundoeducacao.com/fisica/espectro-eletromagnetico.htm>

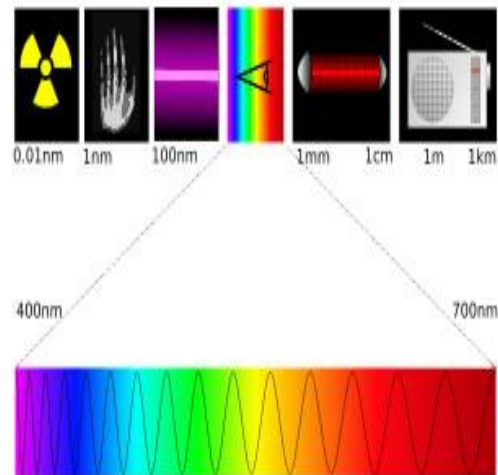


Figura 4.

<http://cftc.cii.fc.ul.pt/PRISMA/capitulos/capitulo1/modulo1/topico7.php>

À LUZ DA FÍSICA introdução | capítulos | simulações | contactos | mapa do site | faqs
O Universo é quântico

teoria definitiva (2001) e, *o espaço, o tempo e a textura da realidade* (2005). A terra é quântica? Para mim e para o que quero elucidar, sim.

Assim, podemos postular que seria no campo socioecocósmico das ambiências de seu tempo histórico, nos quais operam relações energéticas de camadas geológicas, orgânicas e humanas, heterogêneses complexas das multiplicidades nos vir a ser que se dão e se expressam as pulsões. Seria este o campo complexo as ambiências vivida por professores e alunos, mediados por vasos e afetos?

Continuam os filósofos,

Não existe enunciado individual, nunca há. Todo enunciado e o produto de um agenciamento maquínico, quer dizer, de agentes coletivos de enunciação [=>] por agentes coletivos não se podem entender povos ou sociedades, mas multiplicidades, [=>] a população mundial e a terra. Ora, o nome próprio não designa um indivíduo; ao contrário, quando o indivíduo se abre às multiplicidades que o atravessam de lado a lado, ao fim do mais severo exercício de despersonalização, é que ele adquire seu verdadeiro nome próprio. O nome próprio é a apreensão instantânea de uma multiplicidade. [=>] a multiplicidade apreendida instantaneamente O nome próprio é o sujeito de um puro infinitivo compreendido como tal num campo de intensidade. [=>] um indivíduo despersonalizado e multiplicado. A Psicanálise carece de uma visão verdadeiramente zoológica. (Deleuze e Gattari, 1995, 52-53).

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Para uma compreensão dos signos

Na semiologia, estudo dos signos, os signos assígnificantes operam em nós como pulsão, matéria e química orgânica, fluxos eletromagnéticos em uma renovação invisível e constante de nossas células, órgãos, peles, cabelos etc., independente de nossa vontade.

O que é semiologia, ou semiótica? O campo científico dos sistemas de signos, independentemente do que sejam e suas utilizações. Enquanto signos culturais são decorrentes das práticas sociais e utilizados para transmitir, conservar, apreender e recriar a cultura. A produção e reprodução cultural é mediada por signos, dentre os quais o cotidiano e rotineiros são os signos linguísticos. Mitos, cardápios, catálogos, peças musicais, modas, processos de adivinhação como os que utilizamos com as cartas de tarô, I Ching, sistemas monetários..., epistemologias científicas. Neste sentido a epistemologia estuda a “realidade cultural” de uma comunidade humana, o conhecimento, pode ainda ser pensada como a ciência da análise dos discursos, os mais diversos. A semiótica seria, uma sub espécie da semiologia que foca um “conhecimento” um sistema de signos; um campo ideológico (visto aqui com sistemas de ideias, algo como uma hermenêutica. Cumpre ressaltar que o comportamento, a ação efetiva de nós como ente cultural e orgânico (fenomenologia da percepção) são, no mínimo duplo: o código genético (Pollack, 1997) e o linguístico-ideológico, seria

produto de uma semiologia mista. Desta diferenciação emerge a noção de signo assignificante e signo significante, que passaremos a utilizar.

Retendo, no entanto, o já problematizado. A natureza quântica cósmica da terra, os espectros eletromagnéticos, as pulsões geológicas e orgânicas seriam assignificante, Uai! Se falamos deles e os utilizamos é produção cultural e ponto, não?

Paradoxo!

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Os signos da carga genética são um bom exemplo para passar a ideia de signo assignificante, que atuam em nós apesar de não o conhecermos. Nossa carga genética opera em nós, não só no nascer; está em operação agora, em você. No que queremos ressaltar aqui, não importa se falamos que isto é código o genético, obra do acaso, dedo de Deus, ou vontade do diabo.

O mesmo pode ser dito de contaminação de radiação atômica, de envenenamento pelo ar e pela água, pela insolação, pela influência magnética positiva ou negativa de um lugar em você.

Aquela pincelada rápida que demos a falara sobre as figuras da Galeria de imagens das ondas do espectro eletromagnético associando á imagem de uma Terra Quântica Cósmica, mostrou-nos realidades diversas que só acessamos pela imaginação da ciência, ou pela mitologia, arquétipos etc.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Novamente nossas experiências com os vasos; os mesmos vasos – vistos apenas por suas dimensões técnico-físicas – já não era o mesmo após os outros começarem a falar dele. Ou seja, a mesma “materialidade-concretude” era uma coisa para um e outra para outro observador-participante. Indaga Renata em um das experiências: Quem seria o Daniel? Apenas dois dos que tocaram e manipularam os vasos viram a assinatura do artista. A escrita Daniel, era uma dimensão visível, superficial, não? Independia mesmo do saber ler para ser apreendida.

As dimensões das pulsões que aqui estou falando, com Deleuze e Guattari, são dimensões profundas. Este é um dos sentidos de assignificante, o invisível apesar de agir em nós, não o sabemos, não o conhecemos. Sua existência não faz parte da nossa cultura, atua fora do campo consciente. É inconsciente, mas um inconsciente distinto do inconsciente freudiano. Inúmeras pulsões concretas de nossa vidas, sejam dos estratos geológico, orgânico ou mesmo humano da tecnociência atuam sobre nós e deles não

temos consciência. Porque hoje tanta gente está perdendo o emprego e tem precarizada suas condições de vida?

Pode-se falar assim de dimensões consciente e inconsciente da Vida, para além, do inconsciente freudiano. São concretudes de fluxos que atuam em nós e nos movem; como nos são inconsciente mas atuante em nós. Ou seja, os intuímos, ou sentimos, podemos chama-los de forças divinas ou diabólicas, não? Já demonstramos que para muitas coisas não temos palavras para dizê-las. Essas coisas podem ser almas concretas – dos fluxos energético – ou imaginação sobre a ação do divino. Se vários creem que são uma coisa, ou outra, ela passa a ser a verdade, e real. É nesse sentido que a realidade da cultura é imaginada, sempre imaginada, não somos seres de sabedoria absoluta.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Apresentando e interpretando a coletânea Etnografia

Na etapa dois do Laboratório foram propostas três análises, dentre as quais análise descritiva da própria experiência realizada pelos próprios sujeitos da experiência, a coletânea Etnografia, que aqui interpretamos. A quase indistinção de sujeito-objeto (seres humanos ↔ vasos de cerâmica) das seis primeiras experiências pôde-se revelar nesta reversão de *observador-participante*, para *pesquisado-participante*. No Laboratório era a experiência de uma prática de afastamento analítico, de sociolização⁸ das categorias de narrativas cotidianas.⁹ Afirmo que as concebi a possibilidade do momento das análises após a quebra acidental de um dos vasos quando a questão de como finalizar as experiências práticas se colocara.

Estas 10 análises, a seguir, serão destacada por escrita em tipo 10 e com recuos e espaço simples entre as linhas. A ordem de sua apresentação tornou-se agora uma questão, na medida em que a narrativa no tempo da escrita, ou seja, na apresentação daquilo que vem antes e depois no processo de escrita e análise pode de algum modo sugerir uma interpretação dominante, foi aqui controlada pela decisão de apresenta-las em ordem alfabética referida ao primeiro do discente participante-analista, sem fragmentá-la, mesmo que eu venha a tecer pequenos comentários.

⁸ Refiro-me aqui ao processo de transformação de uma palavra do cotidiano em uma categoria da análise sociológica: sociolização do cotidiano. Wood, (1999) sobre a sociologia e a desreificação da realidade.

⁹ Ressalte-se que estas análises não estavam pré-planejadas no espectro das experiências intuídas inicialmente pelo professor, como os próprios registros de época poderão demonstrar.

Ressalto ainda que a dinâmica e duração das experiências foram sempre geradas no vir a ser do vivido. Muitas das vezes esta inspiração dava-se no meu acordar matutino. Basicamente eu recorria a objetos acessíveis a mim em meu espaço de vivência e conhecimento doméstico e profissional, portando de custo quase nulo. No caso da aula manuseando argila para produzir vasos, por exemplo, após a intuição matutina saí de moto atrás de um lugar onde comprar argila, antes do início da aula.

A orientação: Cada aluno participante deveria sair deste lugar e com base em todos os registros escritos das experiências anteriores e todos os alunos- sistematizadas em pequenas coletâneas de escritos encaminhados aos alunos pelo professor após a fase de discussão coletiva de cada experiência, adicionado por sua memória e registros de “campo” que tivesse tido o cuidado de fazer construísse uma narrativa sobre a *Ambiência das Experiências*, sugerindo com esta proposição de escritura uma analogia metafórica com o método da etnografia.

Minha hipótese é o de que os resultados do vivido e revelado pela pedagogia dos vasos e afetos seria na realidade a prática da humanização das Ciências Sociais (Dosse, 2003), bem como um caminhar da academia para a política em uma nova dialogia da complexidade da interdisciplinar, de Casanova (2006) que se fez no vir a ser, sem planejamento prévio, uma construção coletiva, que se pretende aqui demonstrar.

Cumpre-nos ressaltar que a postulação do *homem arcaico* e da *alma arcaica* de Jung e junguianos (Jung, 1993; Silveira, 2007; Gambini, 2004) lidam com fenômenos corpo-alma, subjetividades, mitos, arquétipos... Ou seja, o ser humano ao se expressar como ente orgânico vive na multiplicidade destes fenômenos e não só naqueles acessados, expressos e representado no conhecimento, inclusive o científico. Essas elaborações dão sentido ao revigoramento da fenomenologia da percepção (Nóbrega, 2008; Castoriadis, 1978), bem como lidaria com dimensão sutil que se expressam em cosmologias outras, distintas das ocidentais europeias, a exemplo, nos estudos de Eliade (1992, 99-132), de Viveiros de Castro (2002), de Bastide (2005) e do Moraes, 2014.

Retomando Deleuze e Guattari.

As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos, que são *singularidades*; as suas relações, que são *devires*; a seus acontecimentos, que são *heceidades* (quer dizer, individuações sem sujeito); a seus espaços e tempos *livres*; a seu modelo de realização, que é o *rizoma* (por oposição ao modelo da árvore); aos vetores que as atravessam, e que constituem *territórios* e graus de *desterritorialização*. A história universal da contingência atinge aí uma variedade maior; distinta da sequência

tradicional Selvagens-Bárbaros-Civilizados, encontramos-nos agora diante de todas as espécies de formações: os grupos primitivos que operam por séries e avaliação do “último” termo, em um estranho marginalismo; as comunidades despóticas, que constituem, ao contrário, conjuntos submetidos a processos de centralização (aparelhos de Estado); as máquinas de guerras nômades, que não irão apossar-se dos Estados sem que estes se apropriem da máquina de guerra, que eles não admitam de início; os processos de subjetivação que se exercem nos aparelhos estatais e guerreiros; a convergência desses processos, no capitalismo, e através dos Estados correspondentes; as modalidades de uma ação revolucionária; os fatores comparados, em cada caso, do território, da terra e da desterritorialização. (Deleuze e Guattari, 1995, 8)

Lazzarato (2014, 50-51), com base em Marx e Guattari e Deleuze expõe uma “economia subjetiva”, que deixa visível uma produção complexa da produção da subjetividade no capitalismo: uma teoria da “economia política da subjetividade”. Com Guattari e Deleuze compreende a dinâmica da realidade social capitalista – a sociedade real, ou o real concreto - tendo em conta duas semióticas.

A primeira, da *sujeição social* da individuação (SS), seria a manifestação da existência no mundo do significante e das disputas das significações; da consciência, do conhecimento e do saber cultural, das identidades e dos sentimentos do existir de sujeitos individuais e coletivos. Relembro do sujeito efetivo de Castoriadis.

A segunda semiótica, a da *servidão maquínica* (SM), operaria no mundo complexo da produção do inconsciente, um mundo assignificante dos fluxos maquínicos, do “dividual” da produção homens-máquinas, onde não se distinguiria ser humanos, máquinas, e fenômenos geológico e orgânicos. Lugar dos fluxos, das multiplicidades, da reificação e da naturalização, onde tudo viraria um só ente naturo-cultural, sócionatural, naturosocial. Complexidades em começo nem fim, sem fechamentos, lugar das individuações sem sujeitos, das multiplicidades por elas mesmas, sempre por devir. Em nossos termos, a ambiência dos fluxos dos eventos únicos, das essências sociais dos desejos e da libido, dos fluxos e pulsões da existência do vir a ser do sutil, das almas e dinâmicas das intersubjetividades. Da SM e das heceidades, que no nível microcósmico dos eventos únicos experimentados pelos alunos da Turma de 2004 e pelo professor, estes experimentaram tensões SSs do mundo do conhecido; das individuações já significadas e conhecidas, portanto, representações do “eu” individual e do “nós” coletivo de identidades complexas, de Moreira (2006) e (des)centradas de Domingues (1999).

Se assim pode ser interpretado, vamos à essas tensões da existência na academia, nos registros do Laboratório de afetos.

A ambiência das experiências com os vasos de cerâmica

A lógica dessa minha narrativa é a de reconhecer que os registros escritos teriam o sentido da *verdade vivida e acessível às sensibilidades conscientes e inconsciente* (mentais e corpóreas): um dado gerado no Laboratório. Se assim o é, o registro nos permitirá de alguma forma, hoje, acessar um movimento *pedagógico da incerteza do vir a ser* e, ao mesmo tempo, revelar algo de mim mesmo na mediação e criação de práticas pedagógicas de afetos e afetações em situações de incerteza e de indeterminação.

Minha expectativa é a de que esse “mim mesmo”, do mediador-professor, possa inspirar outros docentes em qualquer espaço pedagógico sistematizado – seja qual nível de ensino se estiver atuando – a também criar-produzir afetos, segundo às ambiências de suas intuições. Eis aí uma noção geral de *pedagogia dos afetos*.

Creio que inconscientemente, minha certeza de que esse experienciar se mostraria produtivo e rico esteve, talvez, associada aos três anos de prática pedagógica com a metodologia de Paulo Freire em alfabetização de adultos em Piracicaba (como assistente, professor e coordenador regional) nos idos de 1965-1968. Naquelas práticas as palavras geradoras e as imagens de *slides* funcionavam como o elo da dialogia da conscientização [conhecimento reflexivo] no ensino da leitura e da escrita a trabalhadores(as) piracicabanos participantes.

Ana Lúcia Camphora, em “Os vasos – Etnografia da série”, argumenta ter sido a experiência uma incógnita acompanhada de incompreensão. Via isto nos olhos e posturas dos participantes e o lia nos textos analisados. Vários, segundo ela, buscando uma descrição objetiva e, também pela curiosidade daqueles mais integrados à proposição do professor, que expressavam os primeiros sentimentos de afeto dos vasos.

Para recuperar a sequência dos cenários que compuseram os seis momentos da prática sobre os vasos, devo descrever as condições que me fizeram ver e entender as situações, propósitos e espaços. Em uma perspectiva inicial, descreveria o ambiente da experiência como uma incógnita. Todos os sinais de organização da sala disseram muito pouco sobre o que se passaria nas sequências futuras. Aqueles vasos ...de início, pouco diziam que fizesse sentido na sala de aula fria – porque no início do curso era inverno; e mesmo que dissessem, nada se impôs à generalizada incompreensão transmitida através dos olhos e das posturas dos alunos; os mais integrados exprimiam curiosidade; já outros, desconfiança. Também observei que esta incompreensão foi, de certa forma, confirmada através dos textos iniciais, onde muitos alunos ocuparam boa parte de sua cota de dez linhas na descrição objetiva, física e situacional, demonstrando compreender os objetivos propostos, através da descrição da trama racional que constituía cada evento. (Ana, 2004).

Ana continua sua análise afirmando não ter adotado o registro descritivo e que se dispôs a expressar uma narrativa subjetiva do ambiente das experiências como uma fusão do exterior e do nosso espírito, visto como paisagem, possibilitando assim o acesso à consciência duas paisagens, a externa e a interna.

Sempre me esquivei desse registro descritivo; aqui, também, me proponho contribuir com um olhar subjetivo do ambiente em que se deu o experimento. Lembro que Fernando Pessoa sabe da equivalência entre o interior e a paisagem, do ‘duplo fenômeno de percepção’, em que tendo “ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens”. E, assim é possível que este registro etnográfico seja a fusão desses cenários, já que no decorrer da experiência estive menos comprometida com o rigor descritivo dos fatos, dos objetos e dos humanos, do que com seus fragmentos, essencialmente captados pela subjetivação. (Ana, 2004).

Um roçar, um acarinhar de espírito/almas, não? A hecceidade e a ambiência.

Com sua chave analítica Ana focaliza a dinâmica da configuração da ambiência atuando sobre os olhares sobre os vasos e sobre seu próprio entendimento.

O ambiente dos vasos transformou-se; mudamos de sala; mudaram os vasos; modificaram os olhares sobre os vasos – eis a mudança essencial que, para mim, permite validar ou não a experiência. Os afetos – termo retirado da orientação da primeira série da experiência – de fato se transformaram, modificando a qualidade do cenário; o momento-chave da quebra do vaso foi um catalizador de afetos e, ao mesmo tempo, uma brusca intervenção sobre a paisagem. A partir dele, entendi que por mais controlado, previsível, organizado e dirigido que possa ser o ambiente da pesquisa, há sempre, latente, a desordem em seu interior. Por mais que sejam impostas normas, há sempre que esperar o momento de seu esgarçamento. (Ana, 2004).

Continua a analista com uma reflexão sobre os conteúdos desses fatos sobre a construção científica e da possibilidade de atentar para a sincronia dos eventos externos e internos e o vir a ser do sentido inconsciente da experiência. Para ela os momentos mais significativos das intenções e dos afetos, reconhecendo no mestre intenções nem sempre conscientes ao delinear os propósitos das séries, acolhe tais registros e posturas seriam dados, independentes de sua formação de psicóloga, em uma flexibilidade do pesquisador ciente de si mesmo.

Não quero chamar atenção para o conteúdo revolucionário dos fatos sobre a construção científica, pois isso me parece óbvio; mas para a possibilidade de sincronizar tais eventos com o sentido mesmo da experiência. Porque os momentos mais significativos que compuseram o cenário foram aqueles onde a leitura das intenções e dos afetos dos membros do grupo não se deu como expressão consciente – da mesma forma, pude verificar, através do próprio discurso do mestre, que foram intenções nem sempre conscientes que determinaram conteúdos e propósitos da sequência das séries. Portanto, não posso atribuir exclusivamente à minha formação de psicóloga o trajeto que escolhi para minha descrição etnográfica. 1º de outubro de 2004. (Ana, 2004).

Sua narrativa analítica revela assim, a sensibilidade disciplinar do campo da psicologia, da qual também procura um distanciamento crítico e que ao mesmo tempo explicaria sua postulação analítica de duas paisagens a externa, objetivada nas salas e objetos, e a interna, espiritual, pela qual o inconsciente já se revelaria na consciência pela sincronia das duas paisagens, não ressaltando ser tal fato um fenômeno coletivo, visível e dramatizado pela quebra de um dos vasos e por sentimentos coletivos, em meus termos uma dinâmica intersubjetiva complexa identificadora da Turma de 2004 e de sua hecceidade coletiva (múltipla) e ambiências.

Hoje 11 anos após aquela experiência orientada a escrever em pouca linhas sobre a influência das experiências sobre sua vida pessoal e profissional, Ana pondera e raciocina sobre a sincronicidade, o tempo, o esvaziamento de um lago e do vaso como analogia da vida, de sua própria vida, bem como generosidade e renovação dos sistema de representação por nós inventado. Em suas próprias palavras:

Engraçada essa sincronicidade junguiana que nos mostra que o tempo, como observou Whitehead, é algo que pode ter pouco a ver com coordenação. Talvez seja esta uma forma não-convencional de revisitar os eventos que compartilhamos, há mais de uma década.

Mas hoje, enquanto me comprometo com o prazo combinado com o Roberto para entregar este texto, reconheço que minha preocupação se volta para o lago aqui de casa, uma pequena propriedade rural distante 100 km da atualmente insuportável cidade do Rio de Janeiro. Com a mudança climática, o lago onde vivem muitas dezenas de peixes está esvaziando... Nada parecido aconteceu por aqui nos últimos 19 anos....

Então, curiosamente, volto à questão que escolhi para abordar nossa disciplina, Natureza e Sociedade. O vaso, na ocasião, foi associado a uma unidade de conservação, objeto de quase uma década de trabalho, como consultora independente.

Hoje, não mais. Minha percepção, desde 2010, ao retornar de minha primeira viagem ao Reino Unido, é de que os efeitos da mudança climática, aqui no Brasil, não considerariam qualquer instrumento normativo protetivo. Daquele momento em diante, passei a questionar profundamente o propósito das minhas atividades profissionais que, pouco a pouco, foram redefinidas.

Experimento novos envasamentos. Minha sensação hoje, é de que pulo de um vaso para outro, com uma sensação ambivalente de descoberta, liberdade e compromisso. Eles quebram, eles rompem, eles vazam. E se apresentam, se renovam! De fato, tenho a impressão de que estou sempre construindo o vaso onde caibo, em uma permanente tarefa. Descubro que sou responsável pelo vaso que me contém, e que há uma generosidade nesse sistema de representação que inventamos. Generosidade e renovação. Vasos = vida! (Ana, 2015)

Andréa Rente, analisando as mesmas narrativas discursivas da Turma de 2004, ressalta o sucesso da experiência destacando a novidade dos Vasos, nas rotinas das aulas.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Convidada a narrar, agora em 2015, sobre aquelas experiências de 2004, Andréa, em suas palavras:

Falar da influência dos vasos em minha vida pessoal e profissional após 11 anos, me reporta à lembrança de uma experiência concreta da relação teórico-prática conscientemente pensada e refletida. Atualmente, atuando no campo interdisciplinar como docente da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, localizada em Santarém/PA, dentro do Centro de Formação Interdisciplinar – CFI e, ministrando um módulo denominado Sociedade, Natureza e Desenvolvimento – SND, percebi que direta ou indiretamente essa experiência sempre esteve presente na minha vida pessoal e profissional.

Presente através dos meus “vasinhos” em cima da minha mesa de trabalho, despertando a curiosidade dos alunos e orientandos que me visitavam e perguntavam o significado do vasinho distorcido que fiz. E, ao contar a eles a experiência, a surpresa estampada em seus rostos me fazia pensar quão interessante foi a mesma. Interessante por lembrar da densidade das discussões e as dificuldades que era para mim, enquanto economista, estar me aventurando em outras áreas do conhecimento facilitadas pela prática dos vasos. Tal disciplina e experiência, portanto, me ajudaram a ser uma profissional aberta para os caminhos e desafios da interdisciplinaridade e ajudando dia-a-dia a perceber as relações entre sociedade-natureza-desenvolvimento. (Andréa, 2015).

Antônio Andrade parece fundar sua narrativa analítica na memória, não se preocupando em mencionar os registros discursivos da Turma como material empírico para sua descrição das experiências.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Convidado a refletir, agora em 2015, sobre aquelas experiências de 2004, Antônio:

Creio que vivemos numa época pobre em termos de criatividade. A colagem como opção estética nas artes plásticas é a grande metáfora do nosso tempo. No cinema, na música e na literatura os seriados e o remake ou revival tentam compensar com recursos tecnológicos avançados a ausência de abordagens e roteiros originais. No âmbito das Ciências Sociais, à guisa de ideias inovadoras ocorre-nos frequentemente a elaboração de novas nomenclaturas destinadas aos mesmos velhos referentes científicos. Para mim a grande virtude da experiência didática empreendida pelo professor Roberto Moreira na disciplina Natureza e sociedade foi sua potencialidade no sentido de promover um ambiente educativo menos comprometido com *status quo*, com o pensamento linear, mobilizando a produção de novas ideias. De minha parte, tendo construído toda minha experiência acadêmica a partir de um modelo positivo mais ou menos radical, pude vivenciar a desconstrução do meu próprio pensamento facilitando o surgimento, ao longo da disciplina, de sementes uma nova configuração teórica que me permitiu a elaboração de algumas promissoras narrativas. (Antonio, 2015)

Arthur Albuquerque entende que a experiência vivida em Laboratório causa emoções e sensações tanto nas pessoas participantes quando naquelas que ouvem falar-se delas, mas que sua compreensão só seria possível pela vivência.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Estimulado a narrar, agora em 2015, sobre aquelas experiências de 2004 transcrevo Arthur em suas próprias palavras:

Praticamente 11 anos depois da experiência que causou o maior volume de emoções e reações em minha vida num ambiente acadêmico, recebo o convite para, de alguma forma, revivê-la na leitura do que foi escrito, individualmente e coletivamente, na época; e, principalmente nas lembranças despertadas por esse exercício, que devo acrescentar ser totalmente inesperado. Nesse tempo que se passou, desisti – pelo menos até o momento – da carreira universitária, investi e aprimorei-me no Ensino de Geografia nas instituições em que trabalho, principalmente com os jovens do Ensino Fundamental II. Na minha vida pessoal, casei-me e tive uma filha linda, que hoje tem seis anos. Muita coisa aconteceu nesse tempo! O curso de mestrado no CPDA ficou no passado, pois não consegui concluí-lo, por desentendimento com minha antiga orientadora e por não ter mais forças para finalizá-lo depois que o Professor Roberto Moreira estendeu-me a mão para uma nova orientação. Foi uma experiência boa até o ponto em que os estudos e as experiências realizadas contribuíram para ampliar minha visão de mundo; e também foi uma experiência ruim, em que tive que aprender a conviver com um sentimento de fracasso, de algo não finalizado de forma correta. Porém, dentre as experiências positivas vivenciadas, nada se compara ao que realizamos na disciplina Natureza e Sociedade, ministrada pelo Professor Roberto Moreira. Era um misto de razão e emoção, mistério e desconfiança e até certo ponto, de lucidez e loucura. Esses sentimentos, e outros mais, nos acompanharam durante todo o semestre, desde o momento em que entrávamos na sala de aula até o último minuto. A sensação era que o inusitado sempre estava por vir. Às vezes me perguntava, no meu íntimo mais profundo, se eu realmente sabia o que estava fazendo e se o limite da sanidade mental não havia sido

ultrapassado. Mesmo tendo textos de autores consagrados e a orientação do Professor Moreira, esses sentimentos fluíam o tempo todo.

Os vasos, que começaram como objetos físicos que impulsionavam as discussões nas aulas, extrapolaram sua condição de matéria e se tornaram seres alegóricos, a ponto de não importar tanto se o objeto em si, presente na aula, era o mesmo da semana anterior. Éramos quase capazes de observar os vasos, sem vasos, de tanto que as discussões tendo esses objetos como temática se aprofundaram. Eles até poderiam ser vistos como místicos em alguns momentos.

Nessa condição, de objetos místicos, é que eles reapareceram em minha vida. Não fazia nem uma semana que havia comentado e discutido com um amigo e colega de trabalho, Leonardo Chermont, atual mestrando em História, as minhas experiências com os vasos durante o mestrado, quando fui contatado, via Facebook, pela colega de disciplina Renata Eboli sobre a intenção de transformar as experiências vivenciadas em um livro. Quer dizer, depois de tanto tempo sem tocar no assunto e nem pensar sobre ele, eu comento com um amigo e, alguns dias depois, os vasos retornam a minha vida. Serão os poderes místicos dos vasos?!

Bem, finalizando minhas atuais considerações, devo dizer que a experiência em si mudou minha forma de pensar e de ver as pessoas, os problemas e a vida de uma forma geral. Nada que está ali, em frente aos nossos olhos, é certo, é seguro. Tudo pode se desfazer. É realmente se desfaz, mesmo que tão lentamente, que somente um olhar de um físico analisando elétrons e moléculas pode fazer uma pessoa perceber. Por isso, a partir daí, aprendi a valorizar o imaterial, os sentimentos, até o instinto; e deixar de lado o apreço por coisas materiais. Tudo isso fez muita diferença na minha vida, mesmo sem nunca ter parado anteriormente para pensar sobre o assunto. As aulas que eu ministro hoje são repletas dos sentimentos e aprendizados que tive nas experiências sobre os vasos, mesmo... sem os vasos. (Arthur, 2015).

A dedicação de Cleyton Gerhard à sistematização analítica das experiências com os vasos encontra-se completa e integral em seu ensaio “Como perceber, interpretar, interagir e imaginar o mundo através de uma experiência com vasos”. Recomendando a leitura do texto, aqui apresentarei fragmentos em minha análise. Cleyton narra com clareza, complexidade e acuidade de seu esforço analítico. Sua narrativa envolve a descrição da experiência alunos e vasos, procurando na multiplicidade a constância, visualizando objetivos, dinâmicas no tempo das experiências e as dinâmicas das aulas.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Convidado a falar, agora em 2015, sobre aquelas experiências de 2004, Cleyton em suas palavras.

Lutando contra os vasos

Foi difícil, mas acho que consegui. Quando Roberto nos convidou, no primeiro dia de aula, para participar de sua experiência com objetos, apesar de minha primeira impressão positiva, não consegui me render à tentação de me deixar levar por algo que fosse além da racionalidade. Mesmo com todo apelo e compreensão de meu professor (e, à época, orientador) e do entusiasmo desconfiado dos meus colegas, fui, durante 15 semanas e mesmo depois, quando pensamos juntos na organização de uma publicação conjunta sobre a experiência dos vasos, insensível ao desapego intelectual a que ela nos convidava. Se o leitor reparar na introdução que escrevi então, nos trechos que redigi sobre os vasos reproduzidos nesta publicação e, sobretudo, no artigo nela incluído, meu esforço sempre foi na direção de descrever e interpretar o que estava acontecendo. Tarefa esta, por sinal, a que me rendi agora ao escrever este breve texto.

Definitivamente, o sagrado, o afeto desapegado das amarras da compreensão e a entrega incondicional ao mundo não natural (que é diferente de sobrenatural) não são coisas fáceis de vingar ou ao menos permanecer em seu estado não intelectualizado quando cercados ou incluídos dentro dos muros acadêmicos. Em minha defesa só posso dizer, resignado, o quanto me sinto preso ao reconhecer minha dificuldade de simplesmente deixar de lado, como se deixa

um vestido sujo na máquina de lavar, 20 anos de disciplinamento acadêmico para, a partir daí, desnudo e sem "ferramentas heurísticas", viajar por rios sentimentais, se banhar em lagunas poéticas e se deixar por fim levar, purificado, pelo desconhecido.

Disso, resta apenas um aviso que me veio ao leitor deste livro: se o oculto sempre pode ser explicado, bastando desvendar seu "segredo", vivê-lo em sua plenitude segue sendo inacessível ao pensamento; neste caso, só o devaneio salva, pois nos põe fora do mundo mundano e nos conecta com a marca do infinito e da imensidão. (Cleyton, 2015).

Na análise “Experiência *Ambiente*”, Eduardo Rosas cuida de situar o sentido da palavra ambiente, sua chave e categoria analítica, esclarecendo a lógica de sua narrativa.

Ambiente, segundo o Dicionário Aurélio, é aquilo que envolve ou cerca os seres vivos ou as coisas. Sendo eu um ser vivo, posso dizer que estou cercado, tanto de outros seres vivos quanto de coisas. É acerca destas “coisas” que vou discorrer. (Eduardo, 2004)

Com essa chave analítica descreve a ambiência intelectual e física das experiências. Fala das instalações e dos vínculos universitários, dos locais das aulas de Natureza e Sociedade, bem como sua localização na cidade do Rio de Janeiro. Sua narrativa sobre o ambiente nos faz ver as contingências físicas e acadêmicas, a materialidade e funcionalidade emitindo pequenas avaliações qualitativas e com as quais ele mesmo acessa o ambiente das experiências cotidianamente.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Convidado a falar, agora em 2015, sobre aquelas experiências de 2004, trago Eduardo, com o seu

Transbordo do tempo

Mais de década passada, num transbordo do tempo por nós, me situo e buscando momentos, me desloco e pergunto junto ao(s) que encontro: será que a sincronia do tempo é a mesma do ânimo de vidas que por entre pessoas e vasos se coloca e nos coloca como vitais? Ou será a diacronia que posta em modo múltiplo por vários sujeitos objetiva os pensares e possibilita inclusive o que foi escrito e o que escrevemos hoje numa própria ação de releitura da relação com vasos?

Ambas as questões colocadas, ao meu ver, possibilitam pensar a relação natureza e sociedade e dentre outras coisas tornam o próprio vivenciar um ato em contraste e por isso visível e a ressaltar.

Então, noto que ao perguntar, relacionalmente, percebo que há um emaranhado de passados que são deslocamentos, por passagens, por sentidos, e que estes se revelam em tempos distintos, e direções idem, que compondo o que os vasos significam se desvela e revela a simplicidade do ir ao encontro, estar em paralelo e cruzar as bordas do vivido. Pois, então que indo, percebo que conforme escrevo os vasos se enchem de algo que noto tanto como a completude quanto como o desapego de ter encontros programados, ou constantes, com os limites ou as fronteiras. E neste notar do transbordar possível, na confusão que circunda, dum nada ou dum vazio, se expõe a organicidade e a possibilidade de, inclusive, situar o que se encontra em múltiplos lugares. E, principalmente por imagens - leituras e lembranças, sons e códigos -, os ponteiros solares encontram-se encaminhados e esquadrados pela iluminação do viver que temos em comum e que nos coloca junto aos vasos, expondo as ilimitadas nuances do ser para o amanhã (num retorno do ontem e do hoje) e do ver.

Enfim, agradeço ao período relacionado aos vasos que vejo em perspectiva, e projetando, pois este é realmente significativo e traz, para junto da completude do que guardamos e colocamos para ser encontrado em todos os tempos ou na própria não existência do tempo como o passamos a conhecer e onde passamos a nos reconhecer, aquela alegria do reencontro – simples e renovado.

Hoje, novamente, eu vi vasos sobre mesas! (Eduardo, 2015).

Fernando Barcellos começa falando da iluminação que os vasos produziram em si e no seu vir a ser, impulsionado-o de uma tensão criativa que o moveu da almejada sombra e água fresca, como que atingido por um improvável “raio em céu azul”.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Convidado a falar, agora em 2015, sobre aquelas experiências de 2004, Fernando:

A Ciência como laboratório da vida

A experiência com os vasos foi um marco muito importante em minha vida pessoal e profissional. A partir daquele momento, diferentes relações foram construídas, na maior parte delas, muito positivas. O curso e seu referencial teórico, juntamente com experiências vividas com os vasos, ajudaram a consolidar meu afastamento de ciência positivista e cartesiana, pouco reflexiva e crítica. O referencial teórico do curso colocou como eixo problemático a ideia de que o evento é sempre observado, observável, sendo aquilo que o humano pode perceber. O tema não era novo, passou por Marx, Machado de Assis e muitos outros. A principal novidade é que a bibliografia do curso revisou, refinou e ampliou ferramentas pro cientista social, incluindo entre outros temas o papel da paixão e, mais genericamente, dos elementos subjetivos no processo de conhecimento. Grande parte dos autores destaca que o mundo da cultura torna-se um magma de significações, dificultando até a delimitação da própria fronteira do que é ciência.

Até os dias de hoje, os textos estudados suscitam histórias e conversas, sejam no meu campo pessoal ou profissional. Impressiona-me como as pessoas, mesmo mais distante do tema, gostam de falar sobre assuntos tratados no curso. As abordagens variam da crítica a certos relativismos, ou mesmo comentários sobre casos rotineiro se banais, como assassinato divulgado na mídia e as diferentes visões sobre evento. Os vasos e os textos trouxeram enigmas, mistérios e paixões ao curso, que se misturaram à busca que eu carregava por atualização teórica e epistemológica. Minha visão sobre ciência, saberes, mundo e natureza mudou completamente. Acredito que minha formação se ampliou, diminuindo minha ignorância e arrogância. Tornei-me mais tolerante e reflexivo com diferentes campos saberes. Durante o curso, tornamos a ciência mais humana, mais natural! (Fernando, 2015)

Manoel Vieira parece pressupor que sabemos do que ele fala, só a leitura de quem viveu a experiência é capaz de localizar que ele refere-se aos seus próprios registros das experiências, vendo-os em uma perspectiva autoreflexiva, ao mesmo tempo auto centrado, algo narcisista, não dando atenção aos registros dos demais, que também compunham o material empírico-discursivo a ser analisado.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Convidado a falar, agora em 2015, sobre aquelas experiências de 2004 Manoel liricamente poetiza uma *Ode discursiva*, que transcrevo abaixo.

Uma ode sobre afetos

Como falar sobre afetos apenas filosoficamente? Seríamos capazes de compreender racionalmente conceitos sem sentir, sem trazê-los a uma forma tática? De onde surgem os conceitos, se não pela natureza própria da nossa forma de sentir e (re)interpretar o mundo?

A pedagogia adotada na disciplina "Natureza e Sociedade" surtiu em mim um efeito devastador pelo seu caráter humanista. Ao reconhecer a dimensão humana do aluno, ao observar as impermanências da matéria e ao trazer vasos como forma exemplar para transmitir a noção de abstração e afetos aos alunos, criou-se um contexto muito apropriado para que uma outra forma de ensino pudesse ter lugar.

Poderia funcionar com quaisquer objetos? Creio que não. A ideia da exposição dos vasos foi brilhante pelo fato dos vasos não fazerem parte dos objetos da nossa vida cotidiana, de modo que o nosso nível de abstração foi alto e nosso empenho pela totalização dos vasos se desse de forma quase imperceptível, silenciosa.

Tornou-se impossível não reconhecer o nosso alto nível de abstração sobre os objetos, principalmente quando outros foram trazidos à sala e, de forma total, não percebemos efetivamente a mudança.

Ler sobre a impermanência dos objetos, a constante mutabilidade da matéria, isso tudo num plano intelectual, é uma forma já conhecida de transmitir um conhecimento. Porém, nos confrontar com a incapacidade de reconhecer objetos "iguais" nos impôs um paradigma próprio, individual, que precisou ser compreendido.

Neste sentido, poderia me alongar sobre a importância conceitual da pedagogia aplicada ou da reflexão epistemológica que o curso suscitou, mas estaria eu reproduzindo uma forma equivocada de "apreender os vasos", falando sem a sensibilidade que permeou toda essa experiência.

O curso trata de afetos e sobre como numa sala de aula um professor pode se tornar capaz de alcançar o íntimo de um aluno para lhe transmitir conhecimento. E eis o impacto mais forte da disciplina sobre mim: me tornei mais humano ao compreender o ensinamento. (Manoel, 2015)

A narrativa de Omar Nicolau é composta de uma introdução, uma descrição do ambiente, uma fala sobre os nativos, curiosamente não vendo a si mesmo como participante, em um salto absoluto à posição de observador, e algumas considerações gerais, ou seja uma narrativa claramente científica análoga à etnografia.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Convidado a falar, agora em 2015, sobre aquelas experiências de 2004, Omar fala sobre o ontem e o hoje, e o eterno devir do *between*, o magma da incerteza e do invisível e que lida o que foi imaginariamente separado.

As lembranças dos momentos em que cursei o Curso de pós-graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Rural do Rio de Janeiro são mais vivas hoje, depois de mais de dez anos de ingresso. As razões são das mais diversas: a incursão no mundo acadêmico, seus ritos de passagem, a insegurança num universo conhecido por certezas não vividas, mas inteiramente inóspito pra mim naquele momento.

Naqueles idos, a academia para mim era um lugar que negava e admirava ao mesmo tempo, mas recusava as empáfias, os espelhos narcisistas... Ouvia o que precisava, rejeitava o que me parecia sem importância - acabei pagando um preço por isso! A disciplina Natureza e Sociedade proposta pelo professor Roberto Moreira, contudo, me sacou definitivamente do lugar fácil das certezas. Comecei a desconstruí-las, repensá-las. As certezas estão agora nos formatos dos textos, porém, depois da Experiência com Vasos, nunca mais deixei que me tomassem irrefletidamente.

Foi por ali que percebi que algo esteve sempre nos interregnos, nas margens, na fronteira ou *between*, como alguns autores das ciências sociais assim o chamam em contextos diversos, para nomear aquilo que está *entre*, que se manifesta nos limites. É justamente nesses intermédios que de alguma forma construí minhas impressões sobre aquilo que me debruço na pesquisa, que de forma não sistemática, venho realizando aqui e ali.

Hoje releio o texto e aquelas torções que a experiência pedagógica proposta naquela disciplina me impuseram, ainda estão presentes nos trabalhos posteriores: representou pra mim um marco para uma maneira pouco obediente de pensar... Da janela do pequeno escritório em casa, recordo as passagens no fio fraco da minha vida acadêmica e percebo que por ter vivenciado aquela experiência pedagógica, usei garantir minha sobrevivência no campo.

Hoje falo de um outro lugar, no interior do estado do Rio de Janeiro, professor de um instituto de formação profissional, estudando antropologia, ouvindo vozes tonitruantes dos meus interlocutores e das teorias.

Hoje, porém, ainda falo do mesmo lugar que estive há onze anos atrás, quando as noções de Natureza e Cultura foram deliciosamente misturadas e já não há mais como decantá-las! (Omar, 2015)

Renata Éboli inicia sua “Etnografia” argumentando a dialogia invisível (paralela) entre a leitura dos textos com os eventos das aulas práticas possibilitou uma dinâmica crescente de descobertas, deixando claro que lançará mão de suas “anotações de campo”, estas escritas na conjuntura dos eventos, bem como dos dados empíricos dos registros de todos.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Convidada, agora em 2015, sobre aquelas experiências de 2004, Renata constrói um registro de memória e reflexões, que transcrevo na íntegra.

Retomar o contato com os estudos e os colegas da disciplina Natureza e Sociedade me levou a uma reflexão sobre minha trajetória acadêmica e profissional. Frequentemente não nos damos conta de como a história se constrói socialmente por meio das nossas vivências. Diferente da maioria dos meus companheiros de mestrado, fiz um caminho singular e retomei um projeto antigo, o de lecionar História. Decisão que me levou de volta à graduação. Posso afirmar, no entanto, que foi no ambiente do mestrado que a opção pela educação se tornou um caminho sem volta, e que me colocou diante de uma opção inexorável, a de ser uma educadora. Ao olhar para o ano de 2004, para o aprendizado com os vasos, percebo que aquela experiência veio ao encontro de uma certeza latente, o que sempre soube ter sido forjada para ser, e que por um sem número de contingências, me vi forçada a adiar. Nos relatos que fiz ao longo das aulas é possível perceber, hoje ao reler constato, o quanto aqueles momentos foram mágicos. Isso porque o processo de aprendizado, a descoberta, o conhecimento são fascinantes, não importando a idade ou o nível acadêmico em que se encontre. E é isso que a experiência evidenciou para mim, a beleza de transferir e receber conhecimento. O quanto este ato é carregado de afetos, de subjetividade, sim, e de descobertas. Hoje trabalho para que meus alunos façam suas descobertas, percebam possibilidades, vislumbrem análises impensadas, tenham olhares improváveis sobre realidades antes naturalizadas. O exercício vivido em Natureza e Sociedade, que foi um misto do aprendizado teórico com a prática, está em mim, foi assimilado e é reproduzido, naturalmente, na forma como dialogo com meus alunos e na busca por ajuda-los a serem cidadãos planetários. Ao invés de sentir que cheguei a um lugar, penso que estou a caminho de algo que ainda anseio. A educação se tornou algo tão imprescindível que em meus planos penso continuar minha formação com enfoque nos estudos da memória e do patrimônio histórico, refletindo sobre uma forma de aproximar o conhecimento teórico sobre esses temas e a didática a uma prática educativa. Uma forma de aproximar os alunos da sua própria história, ao provocar afetos e vivências por “vasos” antes não observados, indiferentes, apesar de presentes. (Renata, 2015)

Considerações finais

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Bibliografia de referência

[Corte para divulgação prévia ao livro].